

COMUNICOLOGIA OU MEDILOGIA?
A fundação de um campo científico da comunicação

Ciro Marcondes Filho



Os estudos de comunicação se caracterizaram até hoje como “mediologia”, ou seja, estudos dos *mass media* (sociológicos, históricos, de ciência política, de psicologia, de psicanálise, de semiótica) e dos meios eletrônicos pessoais. Não são estudos menores mas desviam o centro da atenção para outras áreas. É hora de inverter o enfoque e começar a estudar a comunicação como fenômeno em si, de fundar uma comunicologia com objeto próprio e respeitabilidade de um saber à mesma altura que os demais já estabelecidos.

INTRODUÇÃO

É cada vez mais urgente trabalhar pela constituição da comunicação como um campo do saber. Essa preocupação não ocorria no passado porque as ligações sociais não eram tão extensas, não havia tantos aparelhos de envio e recebimento de notícias, informações, novidades, em suma, a aproximação e o entendimento humano não estavam sendo postos em xeque.

Hoje o quadro é bem diferente. A chamada “comunicação social”, ou seja, as empresas, as redes de telecomunicação, o complexo de canais, ondas, satélites deixaram de ser apenas sistemas técnicos; eles são hoje – muito mais do que isso – formas de estruturar e mesmo decidir a vida de populações inteiras do planeta. Mas são campo de estudo da ciência política, da sociologia, da psicologia, mesmo que se apresentem como “estudos de comunicação”. Em realidade, nenhum deles estuda de fato a comunicação propriamente dita: investigam conexões políticas, ideológicas, econômicas, formas de organização social, que buscam interferir em cenários políticos aqui ou no exterior.

O que se propõe com este livro é inverter a perspectiva, é nos voltarmos a algo que parece ter ficado esquecido: *o fenômeno da*

própria comunicação humana, mesmo que permeada de aparelhos e processos tecnológicos mais amplos. Como ele ocorre, em que as mensagens vindas do outro interferem na nossa mente, como elas nos atingem ou não.

Há naturalmente um caráter pragmático nessa proposta. Acredita-se que do fluxo intermitente de sinais e informações, pouco na verdade interfira na consciência e na reflexão das pessoas. Estas parecem imunizadas diante de tudo que recebem. A comunicação, de fato, não ocorre. O campo da comunicação se propõe a isso: *estudar como promover uma comunicação que recupere os vínculos pessoais e afetivos, que torne as pessoas mais conscientes de si e de seu agir na sociedade, que quebre clichês e estereótipos, que abra seus olhos ao outro e à preocupação com esse outro, que as aproxime de fato, que funcione, em suma, recuperando o elo perdido da sociabilidade*. Em uma palavra: fazer as pessoas pensarem, refletirem sobre si mesmas e sobre o outro de forma autônoma e sensível.

O livro estrutura-se em oito ensaios acerca da problemática de como se manifesta a comunicação e como estudá-la, além de um ensaio sobre a nova era do jornalismo. A escrita aproxima-se do fenômeno comunicacional de forma reflexiva, propondo a pesquisa como problema filosófico-comunicacional. A obra pode ser adotada em cursos de comunicação social em disciplinas que tratam de teoria da comunicação, meios digitais, plataformas de relacionamento e de criação (YouTube, Twitter, Facebook), história do jornalismo, estudos sobre o cinema, máquinas e robôs, entre outras. Este livro pode ser utilizado ainda em programas de pós-graduação de comunicação, pois trabalha a questão de como se manifesta a comunicação e que procedimento de investigação deve ser usado pelo pós-graduando para melhor pesquisá-la.

Ciro Marcondes Filho

ENSAIOS COMUNICOLÓGICOS

POR QUE A COMUNICAÇÃO CONSTITUI UM "CAMPO CIENTÍFICO"?

I.

O que caracteriza uma ciência? A definição de um objeto, seu lado ontológico e a proposição de um procedimento de investigação, sua episteme. O termo *comunicação*, quando visto sob a exigência científica, não pode ser caracterizado na forma como o faz o senso comum, como o definem os meios de comunicação, como o vê a linguagem popular. Essas caracterizações não permitem um refinamento conceitual que o tornasse operacionalizável enquanto pesquisa.

Do ponto de vista ontológico, não se trata de fechar a definição numa estrutura rígida, mas apenas de demarcar os "sintomas" que circundam o objeto. Em outras palavras, mais do que pensar sobre *o que é* a comunicação, justifica-se, como objeto de estudo, propor o estudo das circunstâncias em que ela ocorre. O Ser da comunicação é um Ser *no tempo*, um *está sendo* antes de ser exatamente um "é".

A caracterização do fato comunicacional deriva de sua identificação como fenômeno ou acontecimento, ocorrência eventual quando um fato, uma obra ou uma situação levam a eventos

notáveis para aquele ou aquela que deles participa. Veremos, na sequência, que eventos são esses.

Dito de forma mais precisa – e nisso as sugestões de Roland Barthes e de Gilles Deleuze foram as que chegaram mais próximo – trata-se de um impacto, não no sentido sensório-motor, que nos leva a calafrios, sensações de medo, angústia, irritação nervosa ou batimentos cardíacos (isso também pode haver), mas do impacto no sentido do *choque* provocado no universo das concepções, visões de mundo, posturas e tudo que está associado à organização interna dos gostos, valores, ideias e princípios.

É algo mais que o conceito de comunicação para Georges Bataille: um sentimento derivado do estar junto, participando todos os envolvidos num estado de transe coletivo, como nas cerimônias de sacrifício, nos eventos da paixão e de Eros (BATAILLE, 2000, cap. VIIIss).

Implícita neste caso está a ideia de *fusão*, matriz de seu modelo de contínuo/descontínuo. O estar em ligação “contínua” com o outro, que me leva ao extremo possível, à situação paroxística de excitação, ao sair de mim, ao estar nas nuvens, como se dá no ápice orgástico, em que a fusão dos corpos, apesar de intensa, é fugaz, esse momento de continuidade não tem – a nosso ver – nada de comunicação. É apenas transe.

O extremo possível do homem é esse instante de exaltação, de êxtase, de desconexão do mundo profano, do sair de si, semelhante à fenomenologia da paixão, que busca exatamente a diluição de um no outro, a sensação do fundir-se recíproco.

Mas comunicação não é fusão, adverte Levinas (2005, p. 43). Na fusão, como sugerido acima, eu me diluo no outro, perco minha autonomia, já não estou em condições de sentir o efeito comunicacional desse outro (pessoa, objeto etc.) interferindo na minha estabilidade tranquilizante e oportuna.

Na comunicação, faz-se mister garantir a separação para que haja efetivamente o trabalho desse outro sobre mim. Bachelard fala do poema, que promove um efeito na minha mente e, de qualquer

forma, me remove de minha paz provisória. Para ele, a reverberação de uma imagem poética pode determinar o despertar da criação na alma do leitor (BACHELARD, 2000, p. 7).

Roland Barthes fala da fotografia, que me transpassa, me fere, realiza o *satori*, me incomodando pela sua incursão desautorizada no meu mundo (2006, p. 46, 54, 66, 77). Comunicação, assim, pode ser entendida como esse resultado inesperado, incomodante, desarranjador, que tem a capacidade de produzir sentido.

Todas as demais formas de comunicabilidade seriam, portanto, inócuas ou serviriam apenas para confirmar, reafirmar, reforçar posições anteriores. A informação tem caráter radicalmente conservador; a comunicação, ao contrário, vem para desestruturar. Destruição criativa.

O Neutro, de Barthes, é a tentativa de recuperar o signo em seu estado “não marcado”, algo que se insere entre significado e significante, buscando um campo não ocupado, não invadido pelas manobras linguísticas, um campo de certa forma, inefável (FON-TANARI, 2014, p. 277-294).

Diferente não é o *punctum*, o obtuso, enquanto fenômeno aquém do processo de significação, das incursões linguísticas, que surpreendem pelo seu mero existir, uma espécie de rosto, como entende Levinas (1974, p. 192; 1994, p. 212-213). Rosto que contém um olhar, olhar que me remete a um nada significativo, ao mesmo tempo que a uma densidade de sensações que me transportam para o interior devastado do outro.

Pelos olhos do outro invado seu mundo. Não há como ele deter minha incursão, já que mesmo desviando o olhar, fechando os olhos, eu o vejo e essa janela devassada me revela sem palavras sua interioridade única, capturável apenas pela intuição sensível, pelas normas alinguísticas de minha observação. É um tipo de *punctum* que me fere, me trespassa, me tira do sério.

Comunicar, assim, é esse mistério, fenômeno insondável pela empiria ou pela análise trivial semiótica, eu simplesmente o sinto e esse mero sentir mexe comigo e com minhas estabilidades instáveis.

II.

Não basta o impacto. Para uma observação comunicacional eu tenho que considerar o momento da não comunicação, o espaço de tempo de seu desaparecimento, o momento do silêncio, do calar das vozes, do escuro das telas, do branco das paredes, da cortina do teatro, da última capa do livro fechada. Esse é o *momento da incubação*. Momento de realização da comunicação.

A comunicação precisa de um tempo para acontecer. Não é nada de efeito imediato como as situações da psicologia experimental. Por isso, a pesquisa comunicacional não dá certo se apenas medir reações imediatas, atos reflexos, impactos sensorio-motores, eletroquímicos. Muito além disso e dos efeitos mais radicais são as perturbações que vêm com a variável *tempo*.

Por isso, Levinas insiste na questão do devir (1979, p. 59ss). E trata o termo de forma diferente do que trata, por exemplo, Deleuze e Guattari em *Mil platôs* (1980, p. 292). Entrar em situação de comunicação é jogar com o devir. Não basta eu me colocar diante de uma tela; eu preciso, em seguida, sair dela, considerar as paredes brancas de uma galeria de arte, os *flashes* espontâneos que ela continua a reverberar sem estar lá. Efeito fantasma de um objeto estético que está lá, não estando mais lá. Isso ocorre no tempo da incubação. Tempo dos efeitos impensados de um objeto que já se retirou e apenas deixa suas marcas.

O tempo de incubação é um tempo elástico. Alguns segundos quando observo uma foto, ergo a vista (saio da foto) e sinto sua força, agora sem ela. Pode ser de algumas horas, como o efeito de uma palestra, de um filme, de uma peça teatral, coreográfica. Pode levar meses quando se trata da comunicação no processo educacional.

Na educação, o fenômeno se dá por meio de doses regulares; são as injeções do estranho, do inusitado, do raro, do incomum, do instigante, do perplexo, do intrigante, que encontram inicialmente no outro defesas reais advindas dos mecanismos de bloqueio racional, de proteção contra o novo. A segurança é o oposto da comunicação.

Quem busca comunicação é porque quer flertar com o desconhecido, com aquilo que foge dos padrões; trata-se de mergulhar sem ter certeza de que há, de fato, água no reservatório. Mergulho no nada, no não marcado, de certa forma, no impensado, naquilo que explode a moldura do já sabido. É o caso do pavor, que teria sido um tema de Barthes: espécie de medo que nos tira do estado de tranquilidade, que nos expulsa para fora da paz. Incidente mínimo da vida afetiva, de algo que atravessa bruscamente a consciência (cf. FONTANARI, 2014).

Pois bem, um saber comunicacional reúne essas duas dimensões: a observação da ocorrência do fenômeno – o impacto do belo estranho arrombando os portões de nossa frágil autodefesa – e sua potência em produzir efeitos: captura do como nós nos abalamos. Uma terceira ação deverá decorrer de tudo isso e fechar o procedimento de pesquisa comunicacional, legitimando-o como saber de fato: o relato detalhado, fiel, preciso, testemunhal, quase não humano, do que ocorreu em mim ou no outro, me tornando outro para mim mesmo ou tornando o outro, estranho para si mesmo.

Este saber não se envolve no “que é” mas no acontecer (ou não) da coisa. Jamais poderemos efetivamente explorar a natureza do fenômeno, seu lado ontológico *stricto sensu*, exatamente por se tratar do incapturável, daquilo que não se deixa apanhar, do eternamente fugidio, na linguagem de Levinas, o “feminino”, a alteridade *tout court* (LEVINAS, 1979, p. 77ss). Não há a pesquisa do “que” na comunicação, apenas da ocorrência ou não do efeito, do fato de se produzir o abalo, de ter a potência de nos tirar dos trilhos. Eu observo que houve transformação, que essa transformação produziu sentido, que ocorreu um golpe real com a constituição de novas marcas, que serão novos constitutivos de mim mesmo. Em meu processo de permanente transformação, essas mudanças agora fazem parte de mim, me constituem, são elementos do novo Eu que se formou.

De alguma maneira, o choque nos demonstra que não estamos mortos por dentro, que há ainda algo de vivo que pode ser acionado e dinamizado, e a isso se dá o nome de comunicação.

Não vem muito ao caso o que é comunicado, porque, efetivamente, a rigor, *nada se comunica*. O máximo que ocorre é eu provocar transformação no outro, cuja natureza desconheço e sempre desconhecerei. Não há objeto direto no verbo comunicar. Nunca estaremos em condições de capturar essa estranha coisa que nos impacta. Podemos chamá-la de incorpóreo e seus efeitos de “transformação incorpórea”, como a utilizam Deleuze e Guattari (MASSUMI, 1993, p. 64-65).

De qualquer forma, o incorpóreo é, da mesma maneira, um agente misterioso, espécie de *clinamen*, que altera os fatos sem poder ser efetivamente capturado. Só se observa no efeito que provoca mas não como o entende o estruturalismo, cuja estrutura atua indistintamente sobre o Todo e não no choque dos corpos, como sugerem os estoicos.

Na comunicação, há esse choque entre os corpos (um corpo e uma obra, meu corpo e o corpo deste outro ser, meu corpo e o corpo da cidade), e, nesse choque, produz-se uma faísca invisível, que se chama incorpóreo, demonstrando que algo ocorreu. Ganho um novo atributo, já não sou mais o mesmo.

E a comunicação estuda exatamente isso: aquilo que resultou desse encontro, o processo subjetivo, social, cultural, ideológico, afetivo essa mudança.

III.

Bergson fala que nós colorimos as percepções, que lhes damos uma cara pessoal, que as tornamos “impuras” (BERGSON, 2009, p. 26). E ele atrela percepções necessariamente às lembranças anteriores mas não considera que nossa relação com a percepção, que todos temos, inclusive os seres inanimados, pode deparar com um fato sem memória, exatamente por nunca ter ocorrido antes.

Esta é a diferença do conceito de percepção, que Bergson não trata conforme a concepção da psicologia, para com o de comunicação. Comunicação, além de ser esse “colorir” que damos à percep-

ção, transformando-a em afecção, cria, pelo próprio chocar-se com o impensado, com o impoder do pensamento, memória.

Bataille chega perto desse conceito mas o perde, como vimos, definindo-a como momento não linguístico de partilhamento de emoções no estar-junto. Levinas também chega perto ao separar claramente os fenômenos de fusão (amor, paixão) dos de comunicação, mais associados ao devir, ao feminino, àquilo que sempre se esconde. Mas peca por ver Eros, fenômeno solucionador do dilema do Ser, associado à paternidade, o filho que eu tenho: que é, a um só tempo, eu e o outro.

Uma vez consensual a ideia de comunicação como fenômeno possível apesar de raro, que não se deixa conhecer mas se reconhece pelo seu rastro, assim como o movimento desse conceito na operação do devir (o momento da incubação), pode-se constituir um saber apoiado nesse paradigma que se liberta dos usos acadêmicos pobres, parasitários, inviabilizadores de sua maioridade, pois sempre dependentes de um saber-tutor que o leva pelas mãos, seja ele a sociologia, a ciência política, a psicologia, a psicanálise, as teorias linguísticas.

A filosofia não o toma como uma “aplicação”, sequer mesmo como forma de concreção, como ela faz com a literatura. A filosofia lhe provém um alicerce conceitual como o faz com qualquer outra ciência para consolidar suas bases.

É claro que o termo e a ideia do "consolidar" são perniciosos. Um saber que se pretende dinâmico e continuamente mutável deveria expurgar todos os elementos que sugiram permanência, fixidez, enraizamento. Mas o consolidar, neste caso, é apenas uma figura retórica, pois nada se consolida de fato mas funciona como estabilidade instável, estrutura provisória, equipamento *ad hoc*, válido para este exato momento.

As pessoas mudam a cada dia, tornam-se diferentes, mas são elas mesmas em permanente mutação, alterando-se e permanecendo si mesmas de outra maneira por um estranho processo de continuidade na mudança. A comunicação é catalisadora da mudança; a informação a detém. É a dialética heraclitiana do sol: *não nasce apenas, é novo a cada dia, mas sempre novo, continuamente.*

IV.

Nota sobre Eros. Michael Leiris fala de Eros como esse momento singular de dois corpos que entram num estado único de conexão metafísica, no orgasmo (LEIRIS, 2001, p. 15ss). Mas essa continuidade é logo dissolvida e surge o que ele chama de “nojo”. É, portanto, um momento raro de êxtase, de ligação com o universo e algo de sublime.

Levinas fala de um Eros que está além dos corpos nus e de seu contato. Eros esse que mostra a cada um como o Outro é absolutamente estranho e desconhecido. Eu jamais vou saber o que se passa com essa mulher que vira os olhos numa expressão macabra, contorce rosto e corpo, grita, geme, fala palavrões, excita-se e praticamente “sai de seu corpo”. Nem ela terá condições de saber dos meus segundos de orgasmo e da estranha sensação que me envolve quando o tenho. Sequer eu posso sabê-lo. Somos, um para o outro, figuras da alteridade absolutamente radical. Paradigmas do fenômeno que nos tira de nós, nos escapa por entre os dedos, e nos faz mudar.

É muito diferente do acontecimento que marca a alteridade pela recuperação de mim no outro pela paternidade (tese de Levinas) (1979, p. 85-89). Tão equivocada como o fato de ele exemplificar a permanente fuga do feminino pelo paradigma do pudor é marcar Eros pela noção de procriação e esvaziá-lo, assim, desse componente metafísico que aproxima Bataille e Leiris; com isso, não se chega às últimas consequências no que se refere à comunicação. Pois é exatamente aí que se encontra o mistério. Na incapturabilidade do Outro, em seu mais completo desconhecimento, na ideia de Eros como confronto diante do indeterminável, com aquilo que nos comunica: este livro me chocou, me tirou do sério, marcou minha vida. Mas também aquela música, o espetáculo a que assisto naquele lugar, o filme que permanece. Tantas coisas.

Comunicar é mistério. Algo insondável e que nos acomete e nos torna outros. Eu não sei o que se passa, só percebo que já não sou mais o mesmo. Fui mudado. É tudo.

Se eu não estiver perceptivelmente embotado, se minha religião não me cegou para o mundo, se meu posicionamento político não me tornou uma petrificação conservadora e reacionária, ainda tenho chances de me considerar um ser vivo. De aceitar a comunicação.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. *Poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (1957)
- BARTHES, R. *Câmara clara*. Lisboa, Edições 70: 2006. (1980)
- BATAILLE, G. *A experiência interior*. São Paulo: Ática, 1992. (1943)
- . *O erotismo*. Trad. Claudia Fares. São Paulo: ARX, 2000. (1947)
- BERGSON, H. *A evolução criadora*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. (1907)
- DELEUZE, G.; GUATTARI, Félix. *Mille Plateaux*. Paris: Gallimard, 1980.
- FONTANARI, Rodrigo. Do neutro ao punctum. Em busca do grau zero do olhar. *Ensino e linguagem*, Pelotas, v. 17, n. 1, p. 277-294, 2014.
- LEIRIS, M. *O espelho da tauoromaquia*. Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. (1938)
- LEVINAS, E. *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence*. S. l.: Kluwer Academic, 1974.
- . *Le temps et l'autre*. Paris: PUF, 1979. (1946)
- . *L'intrigue de l'infini*. Paris: Flammarion, 1994.
- . *Entre nós*. Ensaios sobre alteridade. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. (1991)
- MASSUMI, B. *Unser's guide to capitalism and schizophrenia*. Cambridge, MA: MIT Press, 1993.

O QUE É “TEMPO DE INCUBAÇÃO” EM COMUNICAÇÃO?

OBSERVAÇÕES DESPRETENSIOSAS SOBRE O QUE É A COMUNICAÇÃO NA VIDA DE UMA PESSOA

Os alemães têm uma expressão interessante, eles dizem “entra debaixo da pele” (geht unter die Haut): este livro, este filme, esta peça, este tema “entra debaixo da pele”, quer dizer, me toca no mais profundo de mim. A isso eu chamo “comunicação”.

I. SAINDO DO CINEMA

Quando saio do cinema, percebo que estou vivendo, ao mesmo tempo, em dois mundos diferentes: a rua, os carros, as pessoas passando, as luzes da cidade, e o mundo que se enxertou na minha cabeça com o filme que acabei de assistir. Caminho pelas calçadas, o mundo continua o mesmo, a cidade ainda está lá, exatamente como a deixei, mas as imagens do filme insistem em ocupar meu imaginário. Transito nesses dois espaços ao mesmo tempo.

Certamente, ainda estou sob os efeitos do filme. Não tenho necessariamente uma ideia formada do que me passou. Apenas sinto esses efeitos repercutindo dentro de mim. É uma sensação incômoda. Algo que insiste em me irritar. Daqui a pouco, certas impressões, em forma mais clara, se consolidarão em mim. Mas minha mente continua a tentar bater esse estranho inimigo que